

Caro Fiaminghi,

- Leio neste domingo, no CADERNO 2, a crítica do Sr. Olívio Tavares de Araújo – “BUQUES, etc...”
- Alguns dias antes desta sua exposição sabatinávamos a incompreensão crítica da confusão entre construtivismo e concretismo. Aproveito, caro Mestre, para refletir e repetir argumentos em prol de sua “seriedade e passado suficientes para assegurar sua fatura”
- pós” “ética e não simplesmente ética ou poética, como querem os que confundem aquilo que discutíamos.
- Tome, caro FIALUZ, este pequeno tratado a seu respeito como uma “HOMEM-AGEM” à sua revolução mais radical, intuída pelo articulista e aqui “quasi” explicada: A ARTE QUÂNTICA – filha e herdeira do concretismo.
- Permita-me a seguinte reconstrução racional-histórica, contando a história de três personagens durante quarenta anos de pintura da nossa contemporaneidade:

FIAMINGHI I: artista construtivista, à maneira de Mondrian, e deusesdobreiros; de apurada geometria “sensível” – com o 05 melhores entre os neo-platônicos. Ruptura com o figurativismo – naturalismo etc, etc, e tal; Tudo o que os críticos se estenderam em teorizar aqui e nas Europas. Aqui: Sacilotto; Cordeiro; Ligia Clark; Waisserman (sic.); Sergio Camargo.

FIAMINGHI II: artista concreto, à maneira dos poeta-prosadores Decio Pignatari; Haroldo de Campos; Augusto de Campos. (não à maneira desses mesmo críticos).

Aqui, a grande incompreensão para com o concretismo, cujo construtivismo é aberto isto é, constroe e desconstroe, já que sua “ESCRITURA” COMO LINGUAGEM METAFÓRICA E PORTANTO SIMBÓLICA GERAM POR VEZES NOVIDADES E POR VEZES ARBITRARIEDADES. ESSA A FORÇA INTENSIONAL E INTENÇÃO DO CONCRETISMO.

Essa compreensão, extrapola felizmente, a intuição do artista, caro Fiaminghi; e permite a atividade racional do crítico. Nessa linha a novidade ou arbitrariedade de qualquer decisão, gesto, gestalt, formulação, teoria, ortodoxia, etc, é garantida pela INCOMPLETUDE DE QUALQUER FORMULAÇÃO POSSÍVEL (EM ARTE OU CIÊNCIA) COMO X/OS GARANTE O TEOREMA (AINDA NÃO REFUTADO) DE GÖDEL.

HISTORICAMENTE: A desconstrução como linguagem concreta, supera o construtivismo “inocente” de Fiaminghi I, inaugurando o FIA II dos desretratos, despinturas, optical, etc.

Racionalmente: A ortodoxia do manifesto de Cordeiro-Sacilotto (como críticos; não por Alá como artistas) e sua visão KANTIANA-NEWTONIANA, sem perspectiva relativística, fez agravar o descompasso entre o construtivismo tardio nas artes plásticas

(neo-platonismo) e o concretismo de Rupturas Relativística de Decio, Haroldo, Augusto e Fiaminghi II. Infelizmente essa fase construtivista em que a maioria dos críticos e artistas ainda se encontra, se deve a raízes mais profundas: o determinismo (positivismo, marxismo, etc)

Fiaminghi III – Reparou, caro mestre, que sua intuição o levou ao mundo de Platão-Newton-Kant (construtivismo) para o mundo de Einstein-Popper (relativismo-Fulseacionismo - aliás, não por acaso, o mundo de outro até “colorista”: Picasso) para o mundo de Eisenberg –Bohr-

-Daí porque em consonância com a ciência contemporânea o batizo de artista quântico, tanto quanto a mim mesmo seu discípulo, (e portanto não humilde)

- Claro que essa posição do racionalismo crítico, horroriza os defensores da intuição, e confundem a arte de Volpi com sua ignorância crítica, mas deixa sem sentido a própria crítica quando abraça o: “NÃO SEI. NUNCA PENSEI NISSO”. Dessa forma artistas viram críticos e críticos intuitivos que atacam o fazer: “QUASE FIGURATIVAS”; “VEGETAÇÕES” “BUQUÊS”; ETC; COMO SE VEGETAÇÕES E BUQUES FOSSEM ALGO BOM OU RUIM.

Assim o “QUANTUM” de sua ação nesta sua pós-modernidade (??) é tentar decifrar ou mais, buscar conciliar o caráter complementar e dual da luz: onda e partícula. Por isso sua “escritura” oscila segura entre a gestalt de partículas e estrutura de ondas (na física isso é chamado de princípio da complementariedade.)

Uma explicação mais exaustiva da sua intuição deveria conter mais dois paradigmas, o que equivaleria à quatro o julgamento de mérito de uma teoria estética: incompletude (novidade/arbitrariedade); complementariedade (subjetivo, intersubjetivo; objetivo); normalidade (conservação; degeneração); evolução (progresso; regressão).

Fiaminghi IV –

A não ser que a arte seja alguma coisa menor, simplesmente uma Gestalt, ou que ??? , não haverá suponho um Fiaminghi IV; já porque nem se pode vislumbrar o pós-quântico, já porque de DA VINCI, A PICASSO, não se pode vivenciar uma arte além da ciência do seu tempo (sorry?!), sendo no meu entender, a compreensão intuitiva e gestualização do seu tempo a grande obra do artista como foram Fiaminghi II e esta revolução radical de Fiaminghi III, isto é, o indeterminismo como visão de mundo; mas eles chegam lá, ok?

Um abraço
ZENETTO 23/09/90

P.S.: Interessantíssimo, o pessoal achar que você é um (só) colorista – ideologia goghiana à parte a CRÍTICA ESTÁ PERTUBADA.